

CIGANA SEBINCA CHRISTO: MILAGREIRA DE CEMITÉRIO

Lourival Andrade Júnior¹

RESUMO:

Sebinca Christo nasceu na Grécia em 1986. Cigana que com seu grupo caminhava pela região serrana de Santa Catarina. Em 1965 a cigana foi enterrada no Cemitério Cruz das Almas em Lages (SC). Desde então, seu túmulo é visitado por milhares de devotos que acendem cigarros e velas e colocam sobre ele bebidas, brincos, colares, pulseiras, balas, baralhos e batons (com estes, escrevem seus pedidos no túmulo). Nesta mesma cidade mais quatro túmulos são cultuados o que demonstra uma enorme carga de religiosidade não oficial nesta terra que possui nos franciscanos um poderoso braço da Santa Sé. Estes milagreiros de cemitério encontram na religiosidade do povo um espaço de reafirmação da não oficialização dos ritos e cultos, sendo dispensado o papel de um ordenador de práticas e onde cada devoto tem seus próprios modos de demonstrar sua devoção a estes milagreiros.

Palavras-chave: Sebinca Christo; Santa Catarina; religiosidade popular.

Mergulhar nas devoções populares é um desafio enorme e excitante.

A região serrana de Santa Catarina, especialmente a cidade de Lages, oferece uma enorme quantidade de devoções que ocorrem com personagens que viveram ou passaram por esta região, onde, desde sua morte, os seus túmulos, tanto no Cemitério Cruz das Almas, como no Cemitério de Nossa Senhora da Penha são visitados durante todo o ano e principalmente no dia de finados.

As histórias vão desde lendas sobre tropeiros² até milagres atribuídos a pessoas que haviam morrido de forma drástica.

Entre os milagreiros que povoam as histórias e devotamentos em Lages, destaco os “Irmãos Canozzi”³, a menina Salete de Fátima Madruga⁴, a menina Yvone de Oliveira

¹ Doutorando na UFPR.

² Lages fez parte do “Caminho dos Tropeiros” que desde o século XVII faziam da cidade local de pouso em seu caminho do Rio Grande do Sul até São Paulo. Sua fundação se dá em 1766.

³ Na verdade não são irmãos. Trata-se de Ernesto Canozzi e Olintho Pinto Centeno que foram assassinados em 1902 pelos irmãos Brocato.

⁴ Assassinada em 26/09/1965, após ter sido estuprada. Foi encontrada morta em um matagal próximo a uma madreira. Na fotografia que está em seu túmulo a menina aparece com o vestido da Primeira Comunhão, e por conta disto se espalhou que a mesma estava com este vestido no dia de seu assassinato.

Freitas⁵, a menina Aline Giovana Schmitt⁶, Frei Silvério Weber⁷, Monge João Maria⁸ e a Cigana Sebinca Christo.

Nesta última, a devoção cresce a cada ano e as manifestações populares, demonstram o quanto o culto a ela ganha em expressão e diversificação. Cada pessoa possui uma forma muito particular de demonstrar sua fé e seu agradecimento. Seu túmulo recebe “oferendas” além das tradicionais velas e flores. Mas estes aspectos, veremos mais a frente.

Alguns autores já haviam denotado um profundo devotamento dos moradores da serra catarinense por práticas religiosas que fugiam do controle da Igreja Católica, principalmente.

“(…) O cotidiano dos homens e mulheres do planalto serrano, independente da posição social que ocupavam, estava eivado de práticas religiosas; muitas com o objetivo de superar dificuldades e carência do meio em que viviam. Cotidiano e religiosidade eram inseparáveis. Daí o surgimento de curandeiros, benzedores, mandraqueiras, puxadores de rezas, adivinhas, penitentes, capelães que na prática cotidiana estabeleciam verdadeira divisão do trabalho”.⁹

Neste sentido, não foi nada fácil para a Igreja impor suas práticas ao “caboclo” de Lages que “tinha outras formas de se relacionar com o sagrado”.¹⁰

As tentativas da Igreja de normatizar as práticas religiosas populares, tornando-as inferiores, é percebida em vários momentos na história. Na região serrana isso se dá principalmente quando da fixação dos franciscanos na região em 1891. Os bispos e religiosos em geral estavam ligados às elites locais e referendavam, mutuamente, seus poderes espirituais e temporais. Tudo isso, para alinhar a Igreja aos princípios doutrinários emanados da Santa Sé.

“(…) Aliavam-se (os bispos) às elites dirigentes, seja fugindo de possíveis conflitos, seja declarando publicamente seu

⁵ Morreu em 19/10/1960 de uma doença que a fez definhando até a morte. Tinha apenas 10 anos.

⁶ Conhecida também com o apelido de “Menina Flor”, ainda possui poucos que solicitam graças, mas já começam a aparecer agradecimentos em seu túmulo. Foi assassinada em 05/03/1986, por encomenda de sua mãe, que desejava ficar com a herança de seu marido e a presença da filha fazia com que ela tivesse que dividir após sua separação.

⁷ Frei franciscano conhecido em todo o Estado de Santa Catarina, pois possuía um programa de televisão, morreu em 04/03/2000 de infarto. Seu túmulo recebe muitos devotos e a Igreja Católica reforça sua importância, buscando diminuir a importância das outras devoções.

⁸ Morreu na Guerra do Contestado (1912), e é muito cultuado em toda a região serrana.

⁹ SERPA, Élio Cantalício. Igreja e Poder em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997. P. 68-69.

¹⁰ SERPA, Élio Cantalício. Op. Cit. P. 79.

apoio, legitimando-os no poder,
satisfazendo, pelo discurso, a saga
patrimonialista, autoritária e excludente dos
mandonismos locais”¹¹

Neste emaranhado entre o que é permitido, lícito e aceito, várias são as táticas de sobrevivência criadas e recriadas por aqueles que acreditam em milagres de pessoas necessariamente não reconhecidas pela Igreja como verdadeiramente milagreiros e representantes da fé cristã. *“Embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar.”*¹²

Ainda Certeau nos dá mais uma pista de como se relacionam os destituídos de poder formal nesta sociedade que tenta engendrar um discurso uniforme e homogeneizante. *“Em suma, a tática é a arma do fraco”*¹³

Neste contexto social e cultural, surgem vários “fazedores de milagres” e que são cultuados e reverenciados por diversos setores da sociedade, em especial, classes mais baixas. Sebinca Christo é fruto deste imaginário e desta expectativa popular de resolução de problemas imediatos e com eficiência. A fé começa a se manifestar nos pedidos à cigana e nas oferendas entregues a ela em seu túmulo.

Sebinca Christo, na verdade se chamava Cefinka Chirston, segundo seu atestado de óbito, filha de Thomaz Ivanol e Juliana Christon, grega e de profissão: cigana.

Nascida em 1886 (dia e mês são desconhecidos) e falecida em 09 de março de 1965 em um acampamento cigano na Rua Quintino Bocaiúva na cidade de Lages no Estado de Santa Catarina.

Sua morte conforme óbito assinado pelo Dr. Clito Zapelini Neto¹⁴, foi causada por derrame cerebral, hipertensão arterial e arteriosclerose. Segundo Dr. Heron Anderson de Souza, Diretor Geral do Hospital Tereza Ramos, provavelmente Dr. Clito já conhecia a paciente, visto ser muito difícil detectar este tipo de óbito apenas com o cadáver, neste sentido requer um conhecimento prévio das doenças do paciente.

A morte de Sebinca, nada se relaciona com morte drástica e dramática como atestam os jornais até nossos dias. No Jornal “A Notícia”:

“A cigana Sebinca, que já tinha fama na cidade antes de morrer, foi estuprada e torturada em 1965, o que motivou sua morte. Seu túmulo passou a ser bastante visitado, principalmente pelas pessoas mais simples. A história dos milagres que teriam ocorrido se espalhou, atraindo maior atenção.”¹⁵

¹¹ SERPA, Élio Cantalício. Op. Cit. P. 80.

¹² CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 92.

¹³ CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p. 101.

¹⁴ Dr. Clito era médico muito respeitado em Lages. Envolvido com política e na ajuda dos mais necessitados. Estas informações foram obtidas do Dr. Heron Anderson de Souza, Diretor Geral do Hospital e Maternidade Tereza Ramos, em Lages, em entrevista no dia 09 de outubro de 2003.

¹⁵ Jornal “A Notícia”, Joinville, 03 de novembro de 1999.

Ainda em outro Jornal “A Notícia”:

“A cigana Sebinca Christo era uma pessoa bastante popular em Lages, nas décadas de 50 e 60. Certo dia, em 1965, Sebinca foi assaltada, torturada, estuprada e assassinada em uma rua da cidade. Enterrada, começou a operar milagres.”¹⁶

Nos jornais locais¹⁷ há um determinado silêncio em relação à morte e posterior visitação ao túmulo de Sebinca. Somente a partir de 2003 começaram a aparecer matérias no dia de finados sobre a visitação ao túmulo de Sebinca. Nos anos anteriores em alguns deles aparece alguma referência aos “Irmãos Canozzi” e a partir de 2000 começa a aparecer referência à visitação ao túmulo de Frei Silvério.

Este silêncio que ocorre na imprensa local, não ocorre entre as pessoas da cidade, que não se cansam de falar de Sebinca e de sua morte trágica. Uns afirmam que ela foi realmente estuprada e assassinada. Outros informam que ela foi assassinada quando foi defender sua filha de um estupro dentro do acampamento. Outros ainda afirmam que ela morreu dentro de sua tenda, que pegou fogo, mas seu corpo mesmo envolto pelas chamas não foi queimado.

Várias histórias. Vários imaginários.

No atestado de óbito aparece como declarante da morte de Sebinca no cartório de Lages, o Sr. Wenceslau Franklin da Silva¹⁸. Entrevistei seu filho, Paulo Franklin, que afirma categoricamente que Sebinca era hipertensa, fumava muito e devido sua idade, seu corpo foi se debilitando até sua morte.

“Não tem nada de estupro. A cigana morreu de velha. Eu e meu pai cuidamos de tudo, até da roupa. Pegamos no hospital, embalsamamos, arrumamos no caixão e levamos para o acampamento. Foram três dias de festa. Depois ela foi levada para o cemitério Cruz das Almas e está lá até hoje fazendo milagres. Confio muito nela, já fiz pedido e ela me atendeu.”¹⁹

Várias questões ficam pendentes nas falas dos entrevistados.

Percebe-se, inicialmente, uma contradição naquilo que aparece no atestado de óbito e na fala de Sr. Paulo, confirmando uma morte natural e não de forma drástica. Já os jornais e falas de pessoas que cultuam Sebinca, informam sua trágica morte.

¹⁶ Jornal “A Notícia”, Joinville, 03 de novembro de 2000.

¹⁷ Foram pesquisados os jornais “Correio Lageano” e “O Momento”.

¹⁸ Dono na única funerária da cidade, Funerária Franklin, que se responsabilizava por tudo relacionado ao óbito. Desde cuidar dos documentos funerários, até limpeza e compra do terreno no cemitério local.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 09 de outubro de 2003, em seu escritório de contabilidade, onde na época era a funerária onde ele e o pai trabalhavam (Lages/SC).

Parece que o povo necessita de uma morte trágica para referendar o poder milagroso de Sebinca.

Citando a “Legenda Áurea”, de Jacopo de Varazze, Néri de Almeida Souza, nota uma persistência do autor “em ligar a santidade a imagens de morte dolorosa e desejada do santo”, e ainda “a morte dramática do santo, desejada pelo mártir e pelo asceta tanto quanto pelos fiéis, representa a garantia de favorecimento das condições de vida na terra”.²⁰

Claro que Sebinca não está colocada entre os santos, nem está a caminho da canonização, mas o que me interessa neste momento perceber, é como o imaginário popular constrói histórias (pelo menos é o que se percebe até o momento) para dar mais potencialidade a sua devoção.

Outro fato me chamou a atenção quando entrevistava a Sra. Rose Daum. Ela informa que o corpo de Sebinca não pôde ser enterrado de imediato, pois segundo sua lembrança, a Igreja não permitiu que uma cigana fosse sepultada entre os cristãos. Segundo a entrevistada, seu pai, Joel Rafaeli Daum, emprestou o túmulo da família para que Sebinca fosse enterrada.

“Depois de alguns dias os ciganos compraram o terreno e fizeram o túmulo que ela está. Meu pai era um homem muito justo, e mesmo sendo católico, não concordou com a decisão de não enterrar a mulher. Ele achava aquilo uma pouca vergonha e decidiu ajudar emprestando o túmulo”.²¹

Isto não é confirmado pelo Sr. Paulo Franklin, citado anteriormente. Sendo assim, requer uma pesquisa mais aprofundada neste sentido.

Num primeiro momento, não é de estranhar que a um corpo de não cristão fosse negado sepultamento num cemitério controlado pela Igreja Católica ou por uma sociedade cristã.

“São excluídos da ‘terra cristã’ os não batizados (os judeus), as crianças mortas sem batismo (terão um ‘canto’ delas, equivalente terrestre do limbo das crianças no além), e os suicidas, lançados em um fosso ou entregues à corrente de um rio.”²²

Em outra fonte, Moraes nos relata a criação do cemitério público em Meia Ponte (GO), onde áreas são determinadas para as sepulturas:

“Primeiro: para menores livres ao lado direito da capella.

²⁰ SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte. In Revista Signum nº 4 – 2002. Associação Brasileira de Estudos Medievais.

²¹ Rose Daum. Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2003, em Lages/SC.

²² SCHMITT, Jean-Claude. Os vivos e os mortos na sociedade medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1999. P. 204.

Segundo: para a irmandade do Santíssimo Sacramento
 Terceiro: para a irmandade do Santíssimo Sacramento
 Quarto: para as irmandades de Nossa Senhora dos Homens pretos e de S. Benedicto.
 Quinto: para a Fabrica.
 Sexto: para a pobreza e escravos.
 Sétimo: para depósito de ossos ao lado esquerdo do portão.
 Oitavo: para se sepultarem aquelles que não tiverem sepulturas eclesiástica ao lado direito do portão: esta área não será benta.”²³

Diante destes dados, fica a pergunta se na década de 60 do século passado, em Lages, havia qualquer política de exclusão nos cemitérios da cidade.

Na fala do Sr. Paulo Franklin, aparece outra informação intrigante sobre o velório de Sebinca. Segundo ele, foram três dias de festa no acampamento. Realmente há um dado relevante nisto. No óbito Sebinca faleceu no dia 09 de março, mas no seu túmulo aparece a data de 12 de março de 1965.

Buckland, descreve

“Após a morte, o corpo é colocado em um caixão, juntamente com algumas jóias do morto e mais um punhado de moedas de ouro. Mas, às vezes também são postos alguns objetos comuns, tais como garfos e facas, ou então o cachimbo favorito e/ou violino do falecido. Na hora do enterro, derrama-se cerveja, vinho ou rum sobre o caixão e em seguida sobre a sepultura, como forma de libação. É feita uma saudação com a frase ‘Tutti suttu mishto’ (‘Que você durma bem’), e logo depois os músicos começam a tocar cantigas ciganas enquanto o caixão baixa á sepultura.”²⁴

Alguns detalhes se parecem com o velório de Sebinca, mas nada de muito concreto. A idéia de festa, não aparece neste relato e também em outros que já tive acesso.

“Nós, ciganos, lamentamos nossos mortos, particularmente quando morrem jovens e de maneira trágica. O pranto continua dia e noite, e é preciso ter alguém, que não seja da família, para tomar conta dos pais da vítima,

²³ MORAES, Cristina de Cássia Pereira. A organização social da morte: um estudo sobre a exclusão social no cemitério de Meia Ponte na província de Goiás em 1869. In LPH: Revista de História, nº 6, 1996. X Encontro Regional de História da ANPUH/MG. P. 65

²⁴ BUCKLAND, Raymond. Magia e feitiçaria dos ciganos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. P. 27.

pois nunca se sabe o que ele ou ela podem fazer na hora do desespero, como bater nos seus próprios rostos, ou bater com a cabeça na parede, ou, até, tentar se jogar debaixo de um carro.”²⁵

Esta diversidade, mais do que contradição nos é explicada por Martinez, afirmando que *“os ritos funerários diferem de um grupo para outro, de uma região à outra, eventualmente de um grupo, de uma família para outra e podem variar muito rapidamente no tempo.”*²⁶

Esta diversidade nos rituais fúnebres, não está desligado de uma enorme variação de ritos dos ciganos que se espalharam pelo mundo. Existem dois grupos de ciganos: os “rom” e os “calés” ou “calons”. Os primeiros vindos do Oriente e os segundos da região Ibérica. Os “rom” também vieram da Grécia. Seria “rom” o grupo de Sebinca?

“Ciganos, originários da Índia, de onde saíram, ao que tudo indica, por volta do ano mil, emigrando para a Europa onde sua presença era atestada já a partir do século XVII. (...) a palavra cigano e suas variações, provêm do grego ‘Sigunnoi’, denominação dada pelo geógrafo grego Estrabão (sec. I a.C.) a um povo localizado no Mar Negro. Os historiadores gregos rotulavam esse território de ‘Egito’, o que valeu as seus habitantes serem conhecidos como ‘egípcios’ e, por força disso, ‘gypsies’, em inglês, ‘gitan’, em francês e ‘gitano’ em espanhol.”²⁷

Os ciganos, independente de onde tenham vindo, ou qual seu grupo, possuem em comum o nomadismo (alguns hoje são semi-nômades)²⁸ e dividem o espaço da rua com passantes e profissionais ambulantes.

Perseguições fizeram e fazem parte da vida dos ciganos em quase todo o mundo. Estes andarilhos possuem a “arte de produzir território em movimento”, alargando suas fronteiras e carregando consigo sua cultura, memórias e hábitos.²⁹ O espaço da praça, onde lêem a sorte, vendem peças de bronze, também é um espaço de todos e por assim dizer, por várias vezes controlado por normatizações que impediam algumas práticas nas ruas, como por exemplo a

²⁵ VISCNEVSKY, Victor. Memórias de um cigano. São Paulo: Duna Dueto Editora, 1999. P. 185.

²⁶ MARTINEZ, Nicole. Os ciganos. Campinas: Papirus, 1989. P. 94.

²⁷ AEZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. P. 92.

²⁸ Segundo Sr. Paulo Franklin, membros da família Christo hoje vivem em Criciúma e comercializam carros usados, são semi-nômades.

²⁹ MARQUES, Ana Claudia. & BROGNOLI, Felipe Faria. & VILLELA, Jorge Luiz Mattar. Andarilhos e Cangaceiros: a arte de produzir território em movimento. Itajaí: Univali, 1999.

“famosa lei inglesa para a ‘contenção dos vagabundos’, aprovada em 1572, que juntava indiscriminadamente ‘todos os esgrimistas, donos de ursos amestrados, tocadores comuns em interlúdios e menestréis... todos os malabaristas, bufarinheiros, latoeiros ambulantes e pequenos mascates’, proibindo-os de ‘perambular’ sem uma autorização de dois juizes de paz.”³⁰

Percebemos várias práticas ciganas entre as que foram proibidas (latoeiros, donos de ursos amestrados, tocadores).

No Brasil a perseguição não foi diferente. Em 1829, a Câmara Municipal de Sabará proibiu “vagabundos, viciosos e ciganos” nas povoações e fazendas do município.³¹

Ainda Duarte

“Estrangeiros, nômades incorrigíveis, os ciganos estarão excluídos de estratégias positivas de fixação. A repressão policial será a forma de seu controle. A recorrência dos eventos, sempre violentos, de sua expulsão deixa entrever que os dispositivos de controle não logravam grande eficácia”.³²

Além das perseguições, já ouvimos de todos os cantos pessoas falando dos roubos dos ciganos (principalmente de crianças, atualmente, e cavalos e burros no passado), além de serem chamados de maltrapilhos, sujios, desordeiros e tantos outros improperios.

Também há comparação com bruxas, no caso das mulheres ciganas

“As bruxas possuíam um vasto conhecimento a respeito das ervas, por exemplo. Mas os ciganos tinham um saber semelhante. O seu estilo de vida nômade fez com que eles fossem tendo uma proximidade estreita com as ervas e flores selvagens, que iam encontrando pelos caminhos. Produziram remédios, à base de ervas, para os médicos das tribos, além de vendê-los para os habitantes dos vilarejos, dizendo que eram elixires mágicos.”³³

³⁰ BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 123.

³¹ DUARTE, Regina Horta. Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no Século XIX. Campinas: UNICAMP, 1995. P. 78.

³² DUARTE, Regina Horta. Op. Cit. p.79.

³³ BUCKLAND, Raymond. Op. Cit. p. 31.

Esta habilidade de lidar com plantas e fazer remédios para várias moléstias, Sebinca possuía. Segundo Sr. Paulo Franklin, muitas pessoas recorriam a Sebinca buscando a cura para alguma doença. As mães levavam seus filhos que recebiam remédios feitos a base de ervas, caso Sebinca não tivesse para entregar no momento, fazia logo depois e enviava para a pessoa que necessitava.

Está aí mais uma das facetas de Sebinca, que fazia dela muito popular e procurada nas vezes que passava por Lages. Ao que se nota, esta procura por Sebinca continuou após sua morte.

Outro detalhe que chama a atenção são as oferendas deixadas pelos devotos em seu túmulo. Os pedidos são variados: emprego, cura para doenças e principalmente pedidos relacionados com namoro e casamento.

São deixados na sepultura de Sebinca: garrafas de champagne (cidra e espumante), muitos cigarros (na maioria das vezes acesos e colocados na vertical), batons vermelhos (que são utilizados pelos devotos para escrever seus pedidos no azulejo azul escuro do túmulo), balas e pirulitos, baralhos, bijuterias, velas e muitas flores.³⁴

Velas e flores são comuns em qualquer túmulo em nossos cemitérios. Em relação às outras oferendas, gostaria de dividi-las em dois grupos.

Primeiramente, as balas e pirulitos. Segundo alguns entrevistados, existem duas possibilidades para estas oferendas estarem ali. Inicialmente diria respeito a Sebinca fazer muitos remédios para as crianças e por isto as mães hoje continuam a fazer pedidos de cura e levam para Sebinca aquilo que seus filhos mais gostam. Outra versão conta que são oferendas para os netos de Sebinca que estão enterrados no mesmo jazigo. Cid Christo, falecido em 1972 (bebê de mais ou menos um ano, como mostra sua foto) e Christopher Christo (tendo morrido em 1999, viveu apenas 7 dias).

As outras oferendas já citadas, são estranhas aos olhares de quem visita um cemitério cristão. Observando mais atentamente, ainda percebe-se, que ao lado de seu túmulo, junto ao muro do cemitério foi construído uma “casinha” (cobertura onde são acesas as velas e muitos cigarros)³⁵. Segundo Farelli, as oferendas para os espíritos ciganos devem conter

“(…) frutas em uma escudela, vinho, pão, velas coloridas e perfumes, incenso e flores silvestres, moedas e lenços (dioló). Assim estaremos homenageando um espírito cigano. Essa oferenda não pode ser parecida com o padê de Exú³⁶, que nada tem que ver com a Linha dos Ciganos.”³⁷

³⁴ Fotos em anexo.

³⁵ Voltei ao cemitério neste mês de outubro/2003 e a “casinha” não estava mais lá. Não foi possível, ainda, descobrir o motivo de sua destruição.

³⁶ Padê de Exú significa uma cerimônia de despacho (entrega) a Exú (entidade de origem Yorubá conhecido como o mensageiro dos Orixás, senhor dos caminhos. É o primeiro a ser reverenciado nos rituais e trabalha tanto para o bem quanto para o mal), antes de começar os trabalhos rituais.

³⁷ FARELLI, Maria Helena. Pomba-Gira Cigana. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. P. 30.

A autora já nos dá uma pista que há uma confusão entre as ciganas e as pomba-giras³⁸, no tocante as oferendas dispostas para uma e para outra.

Segunda a Revista dos Orixás, as oferendas, na Umbanda, para Pomba-Giras, são

“aquelas tradicionais dos Exús: farofa de farinha de mandioca com variados temperos, de acordo com o pedido ou o trabalho, encomendado: pode ser mel, dendê, cachaça. Carne crua temperada com mel, dendê, sal, ou pimenta. Coração de boi também com vários temperos e carne seca desfiada. Pode ainda complementar a oferenda com objetos simbólicos das Pomba-Giras como batons, guizos, fitas coloridas e bebidas como cidra e o anis.”³⁹

Acrescento a estas oferendas, também os cigarros que são acesos para a Pomba-Gira sempre na posição vertical, ficando a brasa para o alto.

Diante destes dados, ocorre justaposição entre a imagem de Sebinca, a cigana, com a imagem pretendida de uma Pomba-Gira, que se encarregará de atender pedido em troca de oferendas. A cidra, os cigarros, os batons e as bijuterias demarcam bem este espaço, que junta num mesmo universo a cigana que receitava remédios e a Pomba-Gira que une ou desune casais.

Sebinca, mesmo depois de 38 anos de sua morte, continua sendo lembrada e cultuada por muitos devotos, que acreditam em seu poder imediatista de resolver problemas e atender pedidos.

Cigana, que conviveu com os olhares de estranhamento de uma sociedade sedentária, ainda continua a ser (pelo menos no imaginário popular) confundida com outros personagens que permeiam a religiosidade popular. Ela é uma personagem viva deste imaginário.

“Neste sentido, cultura popular e religiosidade popular não podem ser conceituados, devem ser enfrentados. Só podem ser tecidos pelos historiadores nas tramas sociais e documentais da História; só encontram sentido, ou tornam-se inteligíveis, através de sua contextualização (não um contexto estático e funcionalista que dê coerência a todas as ações). Os conceitos apenas emergem na própria busca de como as pessoas comuns, as

³⁸ “Pomba-Gira é uma corruptela do termo ‘Bongbogirá’ na língua bantu dos candomblés de Angola e significa simplesmente Exú. Porém com o tempo e principalmente na Umbanda, Pomba-Gira passou a designar a manifestação feminina de Exú.”(Revista dos Orixás, nº 6, 1999)

³⁹ ALVES, Ricardo Pissiali. Pomba Gira. In Revista dos Orixás, nº 6. Rio de Janeiro: Ed. Provenzano, 1999. P. 14. (os grifos são meus).

camadas pobres ou os populares (ou pelo menos o que se considerou como tal), criavam e viviam seus valores, crenças e festas, considerando sempre a relação complexa, dinâmica, criativa e política mantida com os diferentes segmentos da sociedade: seus próprios pares, representantes do poder, setores eruditos e reformadores.”⁴⁰

Sebinca Christo, nos dá uma idéia de como a religiosidade não oficial engendra saídas e dita normas, que são para alguns e às vezes para muitos. A fé que ultrapassa as regras estabelecidas e as santificações oficiais.

O túmulo azul da Cigana Sebinca Cristo, no Cemitério Cruz das Almas em Lages, tornou-se local de devoção. Seu templo é seu túmulo. Seu ritual de devotamento é empregado por cada crente, que de uma forma muito individual expressa sua fé e sua esperança na resolução de seus problemas. Os ex-votos que aparecem no túmulo da cigana, fazem com que a crença em seu poder milagroso aumente e com isto a cumplicidade entre ela (a cigana morta milagreira) e o devoto (pertencente a várias religiões, etnias e classes sócias).

Penetrar nesta malha fina que é o imaginário popular e sua religiosidade pode contribuir para entendermos, ainda mais, como se constroem e se forjam mitos e identidades.

O povo e suas manifestações que não seguem regras, sendo olhado de frente e fundamentalmente dando visibilidade ao que não foi visto e dando voz aos que não foram ouvidos ou foram calados. Este é uma das maiores funções do Historiador. “*Sob a escritura fabricadora e universal de tecnologia subsistem lugares opacos e teimosos.*”⁴¹

A pesquisa deve sempre teimar, seguir pistas e saber conviver com o inesperado e flexível. Trabalhar com ciganos, nômades, religiosidade não oficial, milagreiros e com fontes que podem te escapar entre os dedos, é um desafio permanente e excitante.

⁴⁰ ABREU, Martha. Religiosidade popular, problemas e história. In História & Religião – VIII Encontro Regional de História (Núcleo Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. P. 85-86.

⁴¹ CERTEAU, Michel. Op. Cit. p. 309.